

# DA REDAÇÃO À PRODUÇÃO TEXTUAL

o ensino da escrita

PAULO COIMBRA GUEDES



$\pi$   
parábola

**EDITOR:** Marcos Marcionilo

**CAPA E PROJETO GRÁFICO:** Andréia Custódio

**FOTOS DE CAPA E CONTRACAPA:** Stockxpert

**REVISÃO:** Mônica de Curtis Boeira

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

G958d

Guedes, Paulo Coimbra, 1942 -

Da redação à produção textual: o ensino da escrita / Paulo Coimbra

Guedes. - São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

344p. -(Estratégias de ensino ; 12)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456-97-6

1. Língua Portuguesa - Composição e exercícios - Estudo e ensino. 2.

Escrita criativa. I. Título. II. Título: O ensino da escrita. III. Série.

09-2151

CDD: 469.8

CDU 811.134.3'27

---

Direitos reservados à

**PARÁBOLA EDITORIAL**

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

Fone: [11] 5061-9262 | Fax: [11] 5061-8075

home page: [www.parabolaeditorial.com.br](http://www.parabolaeditorial.com.br)

e-mail: [parabola@parabolaeditorial.com.br](mailto:parabola@parabolaeditorial.com.br)

---

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

---

ISBN: 978-85-88456-97-6

© do texto: Paulo Coimbra Guedes, 2009

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, julho de 2009

---

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> , CARLOS ALBERTO FARACO .....	11
<b>QUANDO ESCREVER É LER</b> .....	13
<b>O QUE É BOM PARA OS ESTADOS UNIDOS NÃO É BOM PARA O BRASIL</b> .....	23
Um conflito de critérios .....	25
Do laboratório para a sala de aula .....	28
No campo de batalha, cara a cara com o texto.....	30
A falta de texto numa experiência de ensino de excesso de massa.....	34
O tema pessoal e como provocá-lo.....	36
A paixão de dissertar .....	38
O triângulo retórico redescoberto .....	42
<i>O público é público</i> .....	43
<i>A intenção não é ponto de partida</i> .....	44
<i>O assunto é o ponto de partida</i> .....	45
<i>Procedimentos pedagógicos</i> .....	47
<b>DA REDAÇÃO ESCOLAR AO TEXTO</b> .....	49
Escrevendo literatura brasileira .....	55
As qualidades discursivas .....	57
Escrevendo uma leitura: do depoimento ao ensaio.....	61
<b>O RESGATE DA DISCURSIVIDADE</b> .....	68
Um programa para ler e escrever.....	69
Síntese metodológica .....	82
<b>OLHAR, IMAGINAR, ORGANIZAR, ESCREVER</b> .....	87
<b>COMPOSIÇÃO, REDAÇÃO, PRODUÇÃO DE TEXTO: O QUE DIZ O NOME A RESPEITO DO QUE DESIGNA</b> .....	88
Composição .....	88
Redação.....	89
Produção de texto .....	89
<b>O QUE PRODUZ A PRODUÇÃO DE TEXTO?</b> .....	91

A produção de texto produz imagem .....	91
<i>A necessidade de escrever</i> .....	92
<i>O texto de apresentação pessoal e a necessidade de fazer-se entender</i> .....	92
<i>Qualidades discursivas</i> .....	93
<i>Unidade temática</i> .....	95
<i>Conflito, ou, um pouco mais amenamente, questionamento</i> .....	103
<i>Objetividade</i> .....	108
A produção de texto produz organização .....	113
<i>O texto sobre o cotidiano e a necessidade de organizar a relação com a realidade</i> .....	113
<i>Realidades diferentes para narrador e leitor</i> .....	114
<i>Realidades semelhantes para narrador e leitor</i> .....	114
<b>INSTRUÇÕES PARA REESCREVER UM DOS TEXTOS</b> .....	118
Unidade temática .....	120
Concretude .....	120
Questionamento .....	120
Objetividade .....	121
<b>NARRAÇÃO</b> .....	123
<b>O QUE SE FALA E O QUE SE ESCRIVE</b> .....	124
<b>NARRAÇÃO, LEITOR, NARRADOR</b> .....	126
O leitor .....	126
O narrador .....	130
<i>Propor um diálogo ao leitor ou os dois ânímos narrativos fundamentais</i> .....	138
<i>Renunciar a contar tudo, ou unidade temática</i> .....	138
<i>Dispor-se a contar tudo, ou complexidade necessária</i> .....	142
<i>Para esclarecer possíveis equívocos</i> .....	146
<b>AS QUALIDADES DA NARRAÇÃO</b> .....	152
Objetividade .....	152
Unidade temática .....	152
Concretude .....	154
Questionamento ou, mais especificamente, conflito.....	163
<b>INSTRUÇÕES PARA REESCREVER UM DOS TEXTOS</b> .....	168
<b>DESCRIÇÃO</b> .....	171
<b>QUEM DESCREVE</b> .....	174
A faca.....	176
O olho.....	179
<b>PARA QUE, PARA QUEM, COMO, PELA ORDEM</b> .....	180
Escrever sem formulários .....	182
<i>O que merece ser descrito</i> .....	184
Originalidade e estilo .....	187
<i>Falar e escrever, de novo</i> .....	188
Escrever e escrever e escrever e escrever.....	188

<b>COMO DESCREVER.....</b>	189
Organização externa da descrição ou conduzir o leitor .....	191
Organização interna da descrição ou impressionar o leitor .....	192
<b>DESCRIÇÃO A SERVIÇO DA NARRAÇÃO .....</b>	192
Descrição apresentativa e descrição referencial .....	193
<b>A DESCRIÇÃO APRESENTATIVA E DESCRIÇÃO REFERENCIAL .....</b>	193
O significado das palavras .....	194
<i>Do conhecido ao desconhecido, do abstrato ao concreto, do geral ao particular ..</i>	195
<i>Conteúdo, valor, leitura e experiência.....</i>	197
Generalidade e dissertação.....	198
<i>Quem narra e quem disserta.....</i>	200
<i>Ponto de vista objetivo.....</i>	203
<i>Racionalidade e crítica.....</i>	205
<b>QUALIDADES DA DESCRIÇÃO .....</b>	207
Questionamento .....	208
Objetividade .....	209
Unidade temática.....	210
Concretude .....	211
As qualidades estão relacionadas.....	212
<b>INSTRUÇÕES PARA REESCREVER UM DOS TEXTOS .....</b>	216
Objetividade .....	216
Unidade temática.....	217
Concretude .....	221
Questionamento .....	222
<b>TEXTO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO .....</b>	227
<b>DO CORAÇÃO PARA A CABEÇA, COM AFETO .....</b>	227
Entre a cabeça do coração, os sentidos .....	228
Entre a cabeça e o coração e os sentidos, as palavras .....	229
Das palavras entre o coração, a cabeça e os sentidos: o conhecimento.....	230
O conhecimento: o mundo lá fora cá dentro e o mundo cá dentro lá fora, isto é, o mundo cá fora lá dentro .....	231
<b>QUEM CONTA UM CONTO .....</b>	232
Os procedimentos da narração.....	238
<i>O narrador .....</i>	239
<i>Os personagens e o enredo.....</i>	240
E o leitor, o que tem com isso?.....	241
<i>O leitor e o crítico.....</i>	241
<i>E nós bem aqui, que temos com isso?.....</i>	244
A ironia.....	244
<b>O QUE EU VI COM ESTES OLHOS .....</b>	245
O olho de quem?.....	245

<i>Narração, descrição, dissertação, pela ordem</i> .....	246
O olho enxerga o que a cabeça manda .....	247
<i>Às vezes, a realidade é que força o caminho pelos olhos até a cabeça</i> .....	248
A difícil fidelidade do olho .....	251
E, se a teoria não dá conta do fato, recorre-se à teoria .....	252
E o fato rola solto pelo caminho que a teoria aponta .....	254
E, no caminho por onde rolam, os fatos levam a outra teoria .....	256
<b>DISSERTAÇÃO</b> .....	257
Da racionalidade, ou de como o que entrou em nossa cabeça entrou em nossa cabeça .....	259
A qualificação do modelo .....	263
E o que sai de nossa cabeça? .....	266
As origens da originalidade: convívio e questionamento .....	268
A partida e a chegada .....	273
<b>ATTITUDES DISSERTATIVAS</b> .....	275
Comparação .....	276
Análise .....	281
Classificação .....	284
Definição .....	289
<b>QUALIDADES DO TEXTO DISSERTATIVO</b> .....	295
Unidade temática .....	295
Objetividade .....	299
<i>O observador</i> .....	299
<i>O narrador e o depoente</i> .....	300
<i>O porta-voz e o ponto de vista</i> .....	306
Concretude .....	311
<i>Clareza dos conceitos</i> .....	312
<i>Determinação de lugar e tempo</i> .....	317
Questionamento .....	322
<i>A questão</i> .....	323
<i>Os fatos</i> .....	328
<i>Os argumentos</i> .....	334
<b>INSTRUÇÕES PARA REESCREVER UM DOS TEXTOS</b> .....	338
Objetividade .....	339
Unidade temática .....	339
Concretude .....	340
Questionamento .....	340
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	341

---

# APRESENTAÇÃO

CARLOS ALBERTO FARACO

**E**nsinar a escrever no Brasil não é tarefa fácil. Muitos fatores negativos perturbam sua consecução, a começar por nossa história cultural, que tem favorecido pouco a atividade de escrita. Basta lembrar que, durante nossos primeiros trezentos anos, foi proibida aqui a impressão e a livre circulação de livros. Quem se aventurasse a escrever tinha de encontrar editor em Portugal, mas só depois de o texto ser devidamente aprovado pela Inquisição e, quando esta foi desmobilizada no governo do marquês de Pombal, pela Real Mesa Censória.

Acrescente-se a isso o fato de que fomos, no período colonial, no imperial e em boa parte do republicano, um país de analfabetos. Ainda hoje, entrado o séc. XXI, temos, na mais generosa das estatísticas, perto de 12% de analfabetos na população de 15 a 60 anos. E isso sem contabilizar os chamados analfabetos funcionais.

Num quadro como esse, impossível não se pôr algumas perguntas cruciais. Por que escrever? Para quem escrever? Por que aprender a escrever? Por que ensinar a escrever? Por que aprender a ensinar a escrever?

Não admira, portanto, que nossa cultura escolar pouco tenha feito para enfrentar o desafio do ensino da escrita. O máximo que a pedagogia tradicional conseguiu foi criar o famigerado gênero “redação escolar”, cuja característica principal é, dado um tema no vazio, escrever para ninguém ler. Mero exercício de preenchimento de umas tantas linhas.

Algumas vezes, o exercício tinha, para horror de todos, tema livre. Outras, era realizado como forma de castigar uma turma irrequieta ou indisciplinada. Numa tal situação, não importava aprender a escrever, mas apenas desenvolver estratégias de

preenchimento, como bem apontaram autores como Alcir Pécora e Cláudia Lemos, que analisaram a fundo as redações de vestibulandos nas décadas de 1970 e 1980.

Escrever para ninguém ler. Quando muito ocorria a “correção” da redação com a também famigerada caneta vermelha, “correção” centrada em erros de grafia (sempre tão visíveis) e em “deslizes” de certa norma gramatical. Não mais do que isso.

Apesar do inconformismo de vários professores de português com esse quadro e da busca de alternativas pedagógicas, a situação (embora acima relatada no pretérito perfeito) pouco tem se alterado. Para confirmar esta nossa afirmação, basta observar a “filosofia” subjacente às provas de redação da maioria dos vestibulares, de exames nacionais de escolaridade e coisas do tipo.

Mas continuamos inconformados e continuamos em busca de alternativas: queremos reverter esse quadro; queremos aprender a ensinar a escrever.

O professor Paulo Coimbra Guedes é um desses inconformados. Há uns quarenta anos começou a pegar esse touro com a unha. São décadas como professor de português no ensino médio e no ensino superior, décadas de militância na extensão universitária como assessor de redes públicas de ensino, décadas de envolvimento com a formação de professores de português no curso de graduação em Letras da UFRGS e em vários cursos de especialização.

Nesse longo tempo de docência, Paulo Guedes vem construindo um saber qualificado a partir da prática cotidiana e da reflexão sobre ela. Escutou seus acertos e desacertos. Percorreu as discussões teóricas e submeteu-as ao fogo da prática. Com isso, aprendeu a aquilatar os limites das promessas ali embutidas. Tomou caminhos que deram em bicos. E isso lhe foi muito esclarecedor. Foi refazendo, então, percursos, experimentando mais, refletindo mais, elaborando mais. Incansavelmente.

O resultado disso tudo está neste belo livro. O autor nos convida a ser companheiros da sua caminhada, a vivenciar seu cotidiano de docência, a refazer seus experimentos, a refletir sobre suas práticas, a ler criticamente as propostas teóricas. A cada passo, vai ficando evidente que Paulo Guedes deslocou o debate dos inconformados para outro patamar, um patamar superior. Estamos diante de uma pedagogia da escrita, composta não de generalidades, mas de concretude. Uma pedagogia que aponta não para o gênero “redação escolar”, mas para a produção de texto, ou seja, em suas próprias palavras, para “o uso dos recursos expressivos da língua com a finalidade de produzir deliberados efeitos de sentido sobre bem determinados leitores”.

Uma contribuição e tanto para um país que precisa fazer as pazes com a escrita, que precisa aprender a escrever, que precisa aprender a ensinar a escrever.

---

# QUANDO ESCREVER É LER

Escrever é inventar algo jamais lido, porém a partir de uma teoria (na maioria das vezes implícita) que tenta organizar todos os componentes da experiência de leitor de quem escreve (Jean Foucambert: *A leitura em questão*, p. 76).

**E**sta é uma versão revisada do manual de redação que compus para trabalhar nas disciplinas de produção de texto dos cursos de letras e de comunicação social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que constitui o terceiro capítulo de minha tese de doutorado, intitulada *Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira*. O ponto de partida foram as anotações que fui fazendo a respeito do que me intrigava nos textos dos meus alunos, que eu lia com a obrigação de bilhetar com observações sobre a qualidade deles. Depois, quando descobri que esses textos precisavam de outros leitores além do professor (e o professor precisava de outras leituras para iluminar a sua), passei a registrar também o que diziam em aula os meus alunos sobre os textos lidos em voz alta pelos colegas e, algumas vezes, a respeito dos textos que eu lia, alguns deles escritos por mim.

Comecei a dar uma ordem nessas anotações a partir de outra descoberta — a de que a tarefa do professor de redação começa a partir do texto escrito pelo aluno e que essa tarefa é a orientação da reescrita desse texto para ajudar

seu autor a descobrir o que ele queria dizer e a reescrever a primeira versão para fazê-la dizer isso. Ao formular o que acabei chamando de qualidades discursivas — *unidade temática, objetividade, concretude e questionamento* — descobri um grau de generalidade adequado tanto para orientar a transformação de uma redação escolar em texto quanto para provocar um texto a questionar suas qualidades.

Escrevi este manual porque eu não era apenas um professor que precisava ensinar meus alunos a escrever: eu era — fui esse tempo todo e sou até hoje — meu mais atento aluno. O mais atento e o mais crítico porque, desde que aprendi a ler e escrever, o que eu mais quis na vida foi aprender a escrever. Tem uma longa história, portanto, este meu manual de redação. Não vou contá-la toda, mas vou precisar contá-la, porque tem certas coisas que a gente só aprende e ensina com a história.

Antes de contar essa história, no entanto, quero deixar bem claro que espécie de escrita este manual se propõe ensinar. O título da tese de que fez parte — *Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira* — já dá uma pista bastante clara, mas pode levar quem não a leu a imaginar que tem nas mãos o roteiro de uma oficina de criação literária. Não é isso: escrever como a literatura brasileira significa escrever com a finalidade de produzir o mesmo tipo de conhecimento que a literatura brasileira se dispôs a produzir desde que se constituiu como projeto de uma literatura nacional — nos planos de Gonçalves Dias, de Manuel Antônio de Almeida, de Alencar — para responder a duas questões básicas: *quem somos nós? Em que língua vamos nos dizer quem somos nós?* Não se trata de produzir boniteza, mas de construir entendimento e convicções a respeito de nossa realidade interior e de nossa realidade social mais próxima. O paradigma do trabalho de produção de texto que este manual se propõe desenvolver é a escrita de uma leitura.

Para exemplificar o que seria um texto que não é nem poema, nem conto, nem romance, nem crônica, mas um texto produzido para escrever uma leitura, proponho uma interpretação do clássico *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire, a partir do ponto de vista de que, dizendo da importância do ato de ler, Paulo Freire escreve o que leu no exame de sua experiência pessoal com a leitura. Começar a apresentação deste manual de redação trazendo tal exemplo agrega as vantagens de justificar o título que dei a esta introdução e de colocar meu manual sob a proteção do nune tutelar de todos nós que queremos educar para o exercício da liberdade, da cidadania, da autonomia, da consciência crítica, da autoria.

*A importância do ato de ler* é a conferência que Paulo Freire fez na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, em novembro de 1981. O texto começa assim:

Rara tem sido a vez, ao longo de tantos anos de prática pedagógica, por isso política, em que me tenho permitido a tarefa de abrir, de inaugurar ou de encerrar encontros ou congressos. Aceitei fazê-lo agora, da maneira, porém, menos formal possível. Aceitei vir aqui para falar um pouco da importância do ato de ler.

Desde a primeira frase, o texto deixa ouvir a voz de seu autor estabelecendo claramente a circunstância e as condições em que se dispõe a tratar do assunto que lhe foi proposto: *Rara tem sido a vez ... em que me tenho permitido a tarefa de abrir, ... congressos ...*, impondo seus termos e definindo sua conduta como autor: *Aceitei fazê-lo agora, da maneira, porém, menos formal possível*. Podemos inferir desse *porém* que sua relutância a abrir encontros se deve à formalidade que se associa a aberturas de encontros. Quem não associa, com igual desconforto, formalidade a situações de fala pública, situações em que a gente é obrigado a falar como se escreve? Quem não associa, com temor, formalidade e escrita, situação em que a gente é obrigado a escrever como se escreve?

-es. Enfrenta-se o formalismo começando uma frase, melhor ainda, um parágrafo por um pronome oblíquo:

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje [...]

Mas um tão adequadamente colocado pronome nada mais é do que um enfrentamento formal do formalismo: é preciso enfrentá-lo também em seu conteúdo, compondo um texto — e não uma fala informal — para enfrentar a formalidade das aberturas de encontros. E nesse texto, que vai compor-se numa negociação entre o irrecusável — a responsabilidade que o professor tem de expor suas reflexões — e o inaceitável — a formalidade, que descaracteriza a todos e dilui a autoria —, é indispensável falar de mim, que falo, para falar do que falo, que a formalidade do texto impessoal não dá conta da importância do ato de ler, nem da importância de coisa nenhuma.

Paulo Freire radicaliza: não falar apenas de mim, a pessoa que se preparava para estar aqui, mas também de minha autoria, do diálogo de que resultou a composição deste texto: